

Congresso é usado por candidatos

Brasília — Dois senadores e 32 deputados candidatos às eleições municipais em novembro usam há mais de um mês em suas campanhas toda a máquina do Congresso Nacional. Sem qualquer disfarce, os parlamentares empregam servidores da Câmara e a gráfica do Senado para a divulgação de seus programas. Os gabinetes foram transformados em comitês eleitorais e os corredores do Congresso servem de cenário para a gravação de depoimentos de personalidades que apóiam suas candidaturas.

Dos 34 candidatos, 21 permanecem no exercício legal de seus mandatos. Quase nunca estão em Brasília e muito menos no Congresso. Mas aproveitam ao máximo as facilidades do trabalho parlamentar para melhorar sua imagem e economizar despesas com material e pessoal. Por causa dessas vantagens, a maioria dos parlamentares resolveu manter-se no cargo. Há casos em que o deputado se licencia apenas por 60 dias, o que impede os suplentes de assumirem.

MALA DIRETA

Nos gabinetes, os candidatos distribuem botões, cartazes, panfletos, adesivos e livretos com discursos e entrevistas. Nas paredes, há jornais murais com recortes de publicações, fotografias e resultados de pesquisas eleitorais. A gráfica do Senado, que costuma cobrar preços simbólicos à Câmara, está trabalhando a todo vapor na confecção de livros, que são distribuídos, em mala direta, às custas do Congresso.

— A procura de material é muito grande e até a gente já reclamou para São Paulo que está faltando tudo — diz Edith Licassali, assessora do gabinete do Senador Fernando Henrique Cardoso, candidato à Prefeitura de São Paulo pelo PMDB e que não pediu licença. “São Paulo não pode ficar sem um representante no Senado”, justificou Fernando Henrique. Seu suplente, o Prefeito de Campinas, José Roberto Magalhães Teixeira, não quis largar o cargo para uma rápida passagem por Brasília.

Em compensação, Fernando Henrique pediu ao presidente do Senado, José Fragelli, para cortar os jetons nos dias em que não comparecer ao Congresso. Sua ida a Brasília ocorre uma vez por semana, preferencialmente na terça-feira, quando participa da reunião do Conselho Político, como líder do Governo no Congresso.

Menos colorido por material de propaganda, o gabinete do Senador Roberto Saturnino, candidato do PDT à Prefeitura do Rio, também está ocupando funcionários com a distribuição de livretos com discursos e entrevistas. As edições de 35 mil a 50 mil exemplares já foram remetidas aos eleitores, revelou seu chefe de gabinete, Anival Machado. Saturnino não se licenciou e não pediu corte de jeton, embora só venha a Brasília uma vez por semana.

Candidato do PMDB à Prefeitura do Rio de Janeiro, o Deputado Jorge Leite só entrou de licença sexta-feira passada, prevalecendo-se do artigo regimental que lhe permite licença para “tratar de interesses pessoais”. Mas, ao contrário da grande maioria que se licenciou, o fez por apenas 60 dias. Assim, seu suplente não assume, e o gabinete continua à sua disposição.

O Deputado Rubem Medina, candidato do PFL à Prefeitura carioca, agiu da mesma maneira que Jorge Leite e só agora pediu licença. Já seu companheiro de chapa, o Deputado Sebastião Nery, preferiu continuar na Câmara, acumulando suas atividades parlamentares com sua campanha à Vice-Prefeitura, pela sigla do PS.

Os 21 deputados que não se licenciaram continuam com direito a jeton — o único a dispensá-lo foi Jarbas Vasconcelos, candidato do PSB em Recife. Todos vão a Brasília apenas uma vez por semana, quando circulam rapidamente pelo Congresso.